

## A relação com o outro como conhecimento de Deus

*Francisco Whalison da Silva*<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como tema “A relação com o outro como conhecimento de Deus”. Olhar o tempo presente nos faz perceber a existência de uma busca por conhecer Deus, como também a presença de forte individualismo na sociedade. Nisso nasce um desejo de conhecer como se relacionar com Deus, e saber mais sobre Ele. Observando essas duas realidades denota o desafio de se pensar a alteridade e como ela é importante na busca do conhecimento de Deus. Portanto, o artigo tem como objetivo refletir os caminhos que devem ser trilhados para que, num mundo marcadamente individualista, se possa redescobrir o outro e, nele, um caminho para o conhecimento de Deus. Reflete a existência humana como um “existir para os outros”, apontando caminhos de responsabilidade pelo outro. E demonstrar o outro como lugar indispensável à relação com Deus. Concluiremos que o conhecimento de Deus parte da relação com o outro, já que o outro nos revela Deus. Teremos como exemplo, o homem Jesus de Nazaré, que sempre buscou ensinar aos seus discípulos a prática do amor na vida com os irmãos. Viver essa prática, sendo capaz de ver, sentir compaixão e cuidar, nos leva ao conhecimento de Deus.

**Palavras-chave:** Relação. Homem. Amor. Deus.

### INTRODUÇÃO

As mudanças e as transformações na sociedade têm conduzido para um novo agir do homem na contemporaneidade, onde surgiu um ser humano que se anuncia absoluto, centro e medida de todas as coisas, alguém sem limites e, naturalmente, individualista, materialista, imediatista e consumista. Tais transformações vão ocorrer também no âmbito da fé, da relação com o ser que transcende. Esse individualismo desencadeou uma ruptura para com Deus, com a natureza, com o outro, e até mesmo consigo próprio, na medida em que se sente desobrigado de rever seus pensamentos, valores e atos (cf. GOMES, 2008, p. 49).

Na abertura ao outro que se encontra fora de nós, ressurgimos como um novo Eu, um “Eu-com-o-outro”. Pela sensibilidade, pré-racional, o eu, fechado em si mesmo, é conduzido para fora, para o exterior, e se torna responsável por aquele que se lhe coloca à frente, conduzindo-o além do eu.

Desejamos conhecer como se relacionar com Deus, como conhecer mais sobre Ele. É possível conhecer a Deus? Como e o que fazer para conhecê-lo? Partindo desses questionamentos, o presente texto, visa refletir sobre o conhecimento de Deus, partindo da relação com o outro, já que o outro nos revela Deus. Para tal, apresentaremos, de forma objetiva, quem é o homem e em quem sentido ele revela Deus.

<sup>1</sup> Mestrando em Teologia – Universidade Católica de Pernambuco/UNICAP – E-mail: swhalison@gmail.com.

## 1 QUEM É O HOMEM?

Apesar de não ser nossa intenção, nesta pesquisa, apresentar de modo extenso, o que vem a ser o homem, tomamos por base esse pressuposto, pois nessa busca de conhecimento devemos questionar primeiro quem é o homem, como nos apresenta a Sagrada Escritura. O homem como imagem e semelhança de Deus, revela quem é Deus.

Na Sagrada Escritura, o homem é definido como imagem e semelhança de Deus, como nos diz Gn 1,26-27. Partindo do pressuposto que esse homem ao buscar se relacionar com Deus torna-se diferente do resto da natureza. Só o homem, de todas as criaturas visíveis, é “capaz de conhecer e amar seu Criador”. Chamado a compartilhar pelo amor e pelo conhecimento, a vida de Deus (cf. CIC 356).

Por ser à imagem de Deus, como nos apresenta o relato da Criação: “Deus criou o homem e a mulher à sua imagem, à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou” (Gn 1,26-27), ele é capaz de conhecer-se, de possuir-se e de doar-se livremente e entrar em comunhão com outras pessoas, ele tem a dignidade de pessoa (cf. CIC 357). Rubio, diz que “a visão do homem como pessoa tem a sua origem própria no cristianismo. É resultado sobretudo da experiência dialógica na relação entre Deus e o homem” (RUBIO, 2001, p. 306).

Na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, encontramos a afirmação que “o homem, por sua natureza, é um ser social, que não pode viver nem desenvolver as suas qualidades sem entrar em relação com os outros” (GS, 12). Essa relação, vai permitindo cada vez mais que ele conheça a si mesmo e comece a perceber que a sua “construção” parte dessa vivência social.

Almeida e Chacon, citando Heidegger afirma que:

O significado último da existência humana está no seu ser-no-mundo-como-outro. Nesse contexto, a identidade própria do humano é construída na coexistência e na inter-relação. Daí que não se pode viver sem perceber quem está ao nosso redor, sem ver o rosto do outro. O rosto, para além de todas as manifestações concretas, vem a ser “expressão”; em outros termos, o rosto é “interpelação ética”, é “palavra”: “O rosto fala. A manifestação do rosto já é discurso” (ALMEIDA; CHACON, 2016, p. 54).

Conforme acima, o ser humano, a pessoa, precisa entender que a existência é em função do outro, existimos para ser-no-mundo com o outro, onde podemos construir relações de cuidado, de aprendizado, de mudanças, de fé. Todos os âmbitos de crescimento dependem da relação, de perceber ao nosso redor, de ver quem está próximo e deixar ser interpelado.

Uma existência isolada separada da relação com os outros seres humanos, abstrata, não é uma vida realmente humana. “O homem nega a sua humanidade quando rejeita ou se isola do próximo. Sem os outros, o homem se desumaniza” (RUBIO, 2001, p. 309).

Na parábola do bom Samaritano, como foi citada anteriormente, percebemos a atitude dos dois homens que descem por primeiro: “viu-o e passou adiante” (Lc 10,31), “viu-o e prosseguiu” (Lc 10,32), revelando assim uma atitude de desprezo por aquele que estava ferido, e precisava da compaixão deles.

O homem que nega o próximo se desumaniza. “Sem o próximo, o ser humano desonra-se como humano, deturpa o caráter de imagem de Deus, afasta-se do modelo de humanidade que é Jesus Cristo” (RUBIO, 2001, p. 450). Ser a imagem de Deus, é ser amor, assim como é definido na 1ª Carta de João que “Deus é amor” (1Jo 4,16). A relação dos seres humanos entre si e a sua interação com o meio dependem da acolhida do mistério do humano como imagem de Deus e da dignidade sagrada da vida humana.

A Comissão Teológica Internacional diz

Ao mesmo tempo grandiosa e humilde, esta concepção do ser humano como imagem de Deus representa uma bússola para as relações entre o ser humano e o mundo criado, e é a base que permite avaliar a legitimidade dos progressos técnicos e científicos que têm impacto direto sobre a vida humana e sobre o meio ambiente. (CIT Comunhão e Serviço, n. 95)

Deve surgir em cada ser humano essa compreensão de que o isolamento irá causar sempre um estranhamento com relação a imagem de Deus. Tendo em vista que somos a sua imagem, devemos dar continuidade ao seu projeto, as suas preocupações. Blank nos fala das preocupações de Deus. Isto é, Deus se preocupa com os demais âmbitos da vida humana, desde os problemas da fome, da falta de moradia, doença, exploração, opressão e muito mais, ou seja, por todas as dimensões do ser humano (cf. BLANK, 2008, p 72).

São esses elementos que levarão a se tornar presente a unidade, a relação entre o homem e Deus.

Existe uma unificação do homem com Deus – o sonho originário do homem, mas esta unificação não é confundir-se, um afundar-se no oceano anônimo do Divino, é unidade que cria amor, na qual ambos – Deus e homem – permanecem eles mesmos, mas tornando-se plenamente uma coisa só (*Deus Caritas Est*, n. 10).

A relação e unificação do homem com Deus pede que o nosso agir seja como sinal do amor Dele. Na parábola do bom Samaritano (Lc 10,29-35), encontramos a universalidade do amor que se inclina para o necessitado, seja ele quem for. “A vida humana tem uma dignidade sagrada, porque está aberta aos outros e ao Mistério. Suas relações podem ser de profunda interação com os outros e com Deus” (BRUSTOLIM 2016, p. 448). Mortari procura nos mostrar que o perceber o outro deve me mover e ter uma resposta positiva.

Quando presto atenção ao outro, não posso evitar-me sentir interpelado pela qualidade do seu ser-aí. Se estou sensível e realmente aten-

do ao outro, a sua vivência me toca e, tocando-me, chama-me à causa, interpela-me – e tal interpelação me intima a responder ativamente (MORTARI, 2018, p. 136).

A exemplo disso, podemos observar o relato na parábola do “Bom Samaritano” (Lc 10,29-35), acima citado, estão contidas ações fundamentais para a relação das pessoas: viu, aproximou, cuidou. Precisamos perguntar-nos a que nos dedicamos, a quem amamos e o que fazemos concretamente por esses homens e mulheres que precisam da ajuda de alguém próximo?

É esta a verdadeira conversão de que precisamos. A de aproximar-nos das pessoas que vamos encontrando na vida, para oferecê-lhes amizade fraterna e ajuda solidária. “O programa do cristão – do bom samaritano, o programa de Jesus – é ‘um coração que vê’. Esse coração vê onde há necessidade de amor e atua em consequência” (*Deus Caritas Est*, n. 31). Para Rubio, a pessoa que é o homem, é chamada a ser ela mesma, com a capacidade de desenvolver a sua própria finalidade ou vocação. Não é um convite para isolamento, para não se relacionar, pelo contrário, o autoconhecimento só pode ser verdadeiro, e a pessoa só pode ser ela mesma, quando autotranscender, sair de si e ir ao outro (RUBIO, 2001, p. 309).

Essa abertura à transcendência deve se dar em três aspectos fundamentais: na abertura ao mundo, aos outros e a Deus. O ser humano é essencialmente abertura e por isso um ser inacabado. Mortari, vê que “desse modo nos conduz ao fenômeno do cuidado, da relação. É um fato certo e indiscutível que o cuidado, para a vida, é algo indispensável e essencial, uma vez sem o cuidado, a vida não pode desabrochar” (MORTARI, 2018, p. 17). E acrescenta:

O cuidar do outro é movido pelo sentimento de responsabilidade pelo outro. Sentir responsabilidade, não somente pela própria qualidade da vida, mas também por aquela do outro, é condição necessária para ter cuidado para com o outro (MORTARI, 2018, p. 136).

É um modo-de-ser singular do homem. Sem cuidado, deixamos de ser humanos. “Quem aprende de Deus Amor será inevitavelmente pessoa para os outros. Realmente, “o amor de Deus revela-se na responsabilidade pelo outro” (*Spe Salvi*, n. 28). “Eu existo em relação com o ‘tu’. Reconheço o ‘tu’ e sou reconhecido por ele. Definitivamente, tudo isso significa que ‘eu sou no encontro’. A necessidade do encontro para uma vida realmente humana forma parte inalienável do meu ser” (RUBIO, 2001, p. 451).

Devemos ter uma motivação fundamental: buscar conhecer a Deus. Não conhecer no “céu”, mas “aqui e agora” no meio de nós. Ter diante dos olhos um idêntico objetivo, um aquecer o coração que nos leve a um verdadeiro humanismo, que reconhece no homem a imagem de Deus, e que quer viver uma relação, como nos disse o Papa VI, construindo a “civilização do amor”.

O Papa Francisco nos recorda em um encontro no dia 26 de Abril de 2017 em Vancouver, que não devemos assegurar que seja apenas nas mãos dos políticos que está o futuro da

humanidade, ou na dos grandes líderes e das grandes empresas. Eles têm uma responsabilidade enorme. No entanto, deve-se tomar consciência e conhecimento que o futuro está, sobretudo nas mãos das pessoas que reconhecem o outro como um tu e a si mesmo como parte de um nós. Temos necessidade uns dos outros (cf. PAPA FRANCISCO, 2017).

Considerando o que foi dito, até então, em que sentido o homem revela Deus?

## 2 O ROSTO DE DEUS REVELADO NO HOMEM

O salmista nos diz “quando vejo o céu, obra de teus dedos, a lua e as estrelas que fixaste, que é um mortal, para dele te lembrares, e um filho de Adão, que venhas visitá-lo? E o fizeste pouco menos do que um deus, coroando-o de glória e de beleza” (Sl 8,4-6). A partir do que o salmista nos faz refletir, podemos perceber que a grandeza do Criador não cria obstáculos para que Ele se interesse e cuide da sua criatura. Tal cuidado passa pela sua encarnação e habitação entre os homens (Jo 1,14).

A Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a revelação divina, diz: “aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua bondade” (*Dei Verbum*, n. 2). Ele se dá a conhecer, vem revelar ao homem, quem é o homem, como deve ser, para que o projeto seja concretizado. Revelação que acontece no próprio homem, por meio do homem, Jesus de Nazaré.

Castillo diz que:

Pela informação que nos proporciona diversas tradições no Novo Testamento, fica claro que o Deus no qual crê o cristianismo é o Deus que nos foi revelado em Jesus. E isso aconteceu de tal maneira que Jesus é o meio e a chave para o acesso a Deus e para podermos conhecer a Deus (CASTILLO, 2015, p. 205).

Podemos chegar a entender que no homem Jesus de Nazaré, conhecemos a humanidade de Deus. No Novo Testamento encontramos Jesus participando da vida das pessoas, ou seja, caminhando, sofrendo, curando, sentado a mesa, chorando. Ele quer despertar em nós a imagem de Deus que se faz presente, na humanidade, isto é, na vida dos seres humanos.

É preciso ter uma atitude contemplativa da realidade. A contemplação, entretanto, nasce da disponibilidade de deixar Deus falar, deixar que ele se mostre. O ato de contemplar, antes de ser o resultado de um esforço humano, é muito mais “dar espaço” para Deus (BRUSTOLIM, 2016, p. 459).

A forma como a sociedade está se configurando, no seu ritmo acelerado, o contemplar não está sendo possível se concretizar. O espaço para Deus se torna mínimo e diríamos, em alguns casos, inexistente. O ver, se aproximar e cuidar do outro, como vimos na abordagem

de Lucas 10, 29-37, apresentada acima, se torna uma ação que passa despercebida, afinal não tem a consciência ou a experiência de conhecer a Deus.

Não devemos cair no erro de ser “funcionário” de Deus, como diz o Papa Francisco, em sua meditação matutina em 08 de outubro de 2018, ao recordar a parábola do bom samaritano: “São os cristãos funcionários, aqueles que não estão abertos às surpresas de Deus, que sabem muito sobre Deus, mas não encontram Deus. Aqueles que nunca se surpreendem perante um testemunho. Aliás, são incapazes de dar testemunho”. O Papa convida a “ser cristãos com seriedade, prontos a sujar as mãos e abertos às surpresas” (PAPA FRANCISCO, 2018).

Muitas vezes caímos no vício de esperar apenas no agir de Deus no meu eu, no meu sucesso, no meu lar, e não é possível acontecer uma abertura para uma realidade maior do que o “meu espaço”. Rubio defende o quanto o encontro pessoa-pessoa deve ser real, não apenas conhecido, mas idealizado, concreto.

Existe um encontro pessoa-pessoa que se reveste de uma densidade humano-cristã especialmente significativa. Trata-se do encontro com a pessoa concreta do pobre, do desprezado e desqualificado, do marginalizado, daquele que não conta na sociedade dos que têm poder. Encontro com a pessoa concreta do empobrecido com seu rosto desfigurado, com sua humanidade negada. Quer dizer, o encontro revela pessoa-pessoa com o pobre concreto implica no compromisso pela transformação das estruturas que estão na origem da desfiguração do rosto do pobre (RUBIO, 2001, p. 456).

Segundo Gomes, Levinas tem feito uma reflexão no significado deste encontro com o rosto do pobre, onde ele se revela como alguém que quer ser reconhecido e respeitado como pessoa (cf. GOMES, 2018, p. 39-40). Quando se contempla Deus, enxerga-se o mundo com outros olhos. Educando o olhar para ver as necessidades dos irmãos e irmãs, o cristão há de se alegrar com Jesus e louvar o Pai, que se revela aos pequenos e humildes.

Isso nos convida a ter um cuidado pelo outro, tendo como princípio o cuidado que Deus tem pelo homem. Esse sentir o outro requer atenção e dedicação ao outro, fazer-se próximo do irmão. Brustolin nos recorda que,

Ao contar a parábola do bom samaritano, está claramente apresentada a urgência de ir ao encontro de quem precisa. Próximo não é somente aquele que padece ao meu lado, mas aquele do qual me aproximo, porque sua dor me impulsiona a ajudá-lo. Da atenção ao outro nasce o compromisso de solidariedade (BRUSTOLIM, 2006, p. 457).

E Castillo continua,

Quando Deus serve para separar, dividir, confrontar os seres humanos, não é com Deus que nos relacionamos, mas com um ídolo que

fazemos à nossa medida e de acordo com nossas estreitas, curtas e torpes conveniências, não precisamente humanas, mas as mais desumanas, as mais sofisticadas e dissimuladamente destrutivas da humanidade (CASTILLO, 2015, p. 300).

A maneira como agimos deve falar, apresentar no que acreditamos. Ao observarmos Castillo é notório que a partir de Jesus de Nazaré é possível ter conhecimento sobre a ação da pessoa. Encontramos em diversas ocasiões a configuração da imagem de um “deus” pessoal que se encaixa nos prazeres pessoais, e não é sinal de um seguimento, de um conhecimento de Deus.

O conhecimento da Sagrada Escritura deve ajudar a ser capaz de sair ao encontro daquilo que ela nos motiva a viver, a ser. Não podemos apenas ver e ignorar, olhar e não se aproximar. Pois não existe um conhecimento autêntico de Deus se não se traduzir em serviço ao próximo. Essa autenticidade deve acontecer nos encontros humanizadores. É necessário sair do puro conhecimento intelectual e procurar viver algo que transforme a realidade, que transforme o mundo e dê mais sabor e tempero.

Toda essa maneira de ser e agir deve passar pelas instituições da Igreja unidas a todas as instituições não eclesiais, busquem melhorar as suas capacidades de conhecimento e orientações para uma nova e renovada dinâmica pastoral humanizante que conduza para aquela civilização do amor. Civilização que a semente foi plantada por Deus em todo o povo e cultura (cf. *Caritas In Veritati*, n. 33).

O rosto de Deus revelado nos mostra que as ações de Jesus de Nazaré também devem ser a de todos, que há de sofrer e chorar com Jesus diante de Jerusalém que não o acolheu. Ele, Deus, que lamenta a cultura da morte, que ainda impera no coração humano. Só assim será possível afirmar que “as alegrias e esperanças, as angústias e tristezas da humanidade, são os sentimentos da comunidade dos seguidores de Jesus” (*Gaudium Et Spes*, n. 1). Quando formos capazes de vê, aproximar e cuidar do outro, só assim, teremos experimentado verdadeiramente Deus em nossa vida, através do outro, onde, tal experiência nos leva a um conhecimento profundo e concreto de Deus e, ao mesmo tempo, a revelar o próprio Deus no mundo.

## CONCLUSÃO

Ao final de nossas reflexões sobre a relação do eu com o outro como conhecimento de Deus podemos tirar algumas conclusões para a nossa vida e a nossa prática pastoral. Podemos perceber que o evangelho segundo Lucas traz a universalidade da salvação, colocando a todos que desejam dentro do anseio do Reinado de Deus. A proposta de Jesus ao buscar apresentar à imagem de Deus vai se concretizando e uma variedade de pessoas e de ações, mostrando a dinamicidade do agir de Deus, que ama a todos, e não exclui ninguém.

No dia a dia somos envolvidos em diversas situações que exige de nós uma resposta ativa, de aproximação e compaixão com alguém. Assim entenderemos que o outro é um lugar

indispensável à relação com Deus, o outro nos revela Deus. Temos como exemplo, o homem Jesus de Nazaré, que sempre buscou ensinar aos seus discípulos a prática do amor na vida com os irmãos. Vivendo essa prática, sendo capaz de ver, sentir compaixão e cuidar, nos leva ao conhecimento de Deus. Ao refletir a existência humana como um “existir para os outros”, percebemos que só existe um conhecimento autêntico de Deus, se nascer na relação com o outro e se esse conhecimento for traduzido em serviço ao próximo.

## REFERÊNCIAS

BENTO XVI. *Deus caritas est*. São Paulo: Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. *Spe Salvi*. São Paulo: Paulinas, 2007.

BLANK, Renold. *Quem, afinal, é Deus?* São Paulo: Paulus, 2008.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. A vida: dom e cuidado. *Antropologia Teológica Ética do Cuidado*. **Rev. Trim.** Porto Alegre, v. 36, n. 152, p. 441-460, jun. 2006.

CASTILLO, José Maria. *Jesus: humanização de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2015.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes, 1993.

CHACON, Daniel Ribeiro de Almeida. ALMEIDA, Frederico Soares de. Deus no outro: a noção cristã de espiritualidade e sua interface com a ética da alteridade. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*. v. 10, n. 18, p. 48-60, jul/dez, 2016.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e Serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus*. 6 de novembro de 2004.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.

GOMES, Carla Silene Cardoso Lisbôa Bernardo. *Lévinas e o outro: a ética da alteridade como fundamento da justiça*. Orientador: Florian Fabian Hoffmann. – 2008.

MORTARI, Luigina. *Filosofia do cuidado*. São Paulo: Paulus, 2018.

PAPA FRANCISCO. *Encontro internacional TED 2017 em Vancouver*. 27 de Abril de 2017. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco\\_20170426\\_videomessaggio-ted-2017.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20170426_videomessaggio-ted-2017.html)> Acesso em 12 de Junho de 2019.

PAPA FRANCISCO. MEDITAÇÕES MATUTINAS: *Todo o Evangelho num trecho*. 8 de outubro de 2018. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie\\_20181008\\_evangelho-trecho.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20181008_evangelho-trecho.html)>. Acesso em 12 de Junho de 2019.

RUBIO, Afonso Garcia. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2001.